

# ANTÍGONE (Antígona)

(Sófocles)

## **Personagens**

*Antígone*

*Ismênia*

*Os Velhos Tebanos*

*Creonte*

*Um Guarda*

*Hémon*

*Tirésias*

*Eurídice*

*Um Enviado*

*Um Mensageiro*

*(Na ágora de Tebas, diante do palácio de Édipo, onde reina agora Creonte. Clareia o dia).*

**Antígone** - Ismênia, minha querida irmã, companheira de meu destino, de todos os males que Édipo deixou, suspensos, sobre a sua descendência, haverá algum com que Júpiter ainda não tenha afligido nossa vida infeliz? Não há provação - sem falar de outras desditas nossas - por mais funesta, ou ignominiosa, que não se encontre em nossa comum desgraça! Ainda hoje - que quererá dizer esse édito que o rei acaba de expedir e proclamar por toda a cidade? Já o conheces, sem dúvida? Não sabes da afronta que nossos inimigos preparam para aqueles a quem mais prezamos?

**Ismênia** - Ó Antígone, nenhuma notícia, agradável ou funesta, chegou a meu conhecimento, depois da perda de nossos dois irmãos, mortalmente feridos, em luta, um pelo outro!... Tendo fugido, esta noite, o exército dos Argivos, nada mais vejo que possa concorrer para aumentar nossa felicidade, nem nossas desditas.

**Antígone** - Eu já o sabia... Chamei-te ate aqui, fora do palácio, para que só tu possas ouvir o que tenho a te dizer.

**Ismênia** - Que há, pois? Tu me pareces preocupada!

**Antígone** - Certamente! Pois não sabes que Creonte concedeu a um de nossos irmãos, e negou ao outro, as honras da sepultura? Dizem que inumou a Etéocles, como era de justiça e de acordo com os ritos, assegurando-lhe um lugar condigno entre os mortos, ao passo que, quanto ao infeliz Polinice, ele proibiu aos cidadãos que encerrem o corpo num túmulo, e sobre este derramem suas lágrimas. Quer que permaneça insepulto, sem homenagens fúnebres, e presas de aves carniceiras. Tais são as ordens que a bondade de Creonte impõe a mim, como também a ti, e, eu o afirmo: ele próprio virá a este sítio comunicá-las a quem ainda as ignore. Disso faz ele grande empenho, e ameaça a quem quer que desobedeça, de

ser apedrejado pelo povo. Tu ouviste o que eu te disse: virá o dia em que veremos se tens sentimentos nobres, ou se desmentes teu nascimento.

**Ismênia** - Mas, minha pobre irmã, em tais condições, em que te posso eu valer, quer por palavras, quer por atos?

**Antígone** - Quererás auxiliar-me? Agirás de acordo comigo?

**Ismênia** - A que perigos pensas arriscar-te ainda? Que pretendes fazer?

**Antígone** - Ajudarás estes meus braços a transportar o cadáver?

**Ismênia** - Queres tu, realmente, sepultá-lo, embora isso tenha sido vedado a toda a cidade?

**Antígone** - Uma coisa é certa: Polinice era meu irmão, e teu também, embora recuses o que eu te peço. Não poderei ser acusada de traição para com o meu dever.

**Ismênia** - Infeliz! Apesar da proibição de Creonte?

**Antígone** - Ele não tem o direito de me coagir a abandonar os meus!

**Ismênia** - Ai de nós! Pensa, minha irmã, em nosso pai, como morreu esmagado pelo ódio e pelo opróbrio, quando, inteirado dos crimes que praticara, arrancou os olhos com as próprias mãos! E também em sua mãe e esposa, visto que foi ambas as coisas, que pôs termo a seus dias com um forte laço! Em terceiro lugar, em nossos irmãos, no mesmo dia perecendo ambos, desgraçados, dando-se à morte reciprocamente! E agora, que estamos a sós, pensa na morte ainda mais terrível que teremos se contrariarmos o decreto e o poder de nossos governantes! Convém não esquecer ainda que somos mulheres, e, como tais, não podemos lutar contra homens; e, também, que estamos submetidas a outros, mais poderosos, e que nos é forçoso obedecer a suas ordens, por muito dolorosas que nos sejam. De minha parte, pedindo a nossos mortos que me perdoem, visto que sou obrigada, obedecerei aos que estão no poder. É loucura tentar aquilo que ultrapassa nossas forças!

**Antígone** - Não insistirei mais; e, ainda que mais tarde queiras ajudar-me, já não me darás prazer algum. Faze tu o que quiseres; quanto a meu irmão, eu o sepultarei! Será um belo fim, se eu morrer tendo cumprido esse dever. Querida, como sempre fui, por ele, com ele repousarei no túmulo... Com alguém a quem amava; e meu crime será louvado, pois o tempo que terei para agradecer aos mortos, é bem mais longo do que o consagrado aos vivos... Hei de fazer sob a terra eternamente!... Quanto a ti, se isso te apraz, despreza as leis divinas!

**Ismênia** - Não! Não as desprezo; mas não tenho forças para agir contra as leis da cidade.

**Antígone** - Invoca esse pretexto; eu erguerei um túmulo para meu irmão muito amado!

**Ismênia** - Ah! Pobre infeliz! Eu me aflijo por ti!

**Antígone** - Não temas por minha vida; trata de salvar a tua.

**Ismênia** - Ao menos, não digas a ninguém o que vais fazer; guarda segredo, que eu farei o mesmo.

**Antígone** - Não! Fala! Tu me serás mais odiosa silenciando, do que se disseres a todos os que eu quero fazer.

**Ismênia** - Tu pareces desejar, com o coração ardente, o que nos causa calafrios de pavor!

**Antígone** - Só sei que cumpro a vontade daqueles a quem devo agradar.

**Ismênia** - Se tu o fizeres... Mas o que desejas é impossível!

**Antígone** - Quando me faltarem as forças, eu cederei

**Ismênia** - Mas não é prudente tentar o que é irrealizável!

**Antígone** - Visto que assim me falas, eu te odiarei! E serás odiosa, também, ao morto, junto a quem serás um dia depositada... E com razão! Vamos! Deixa-me, com minha temeridade, afrontar o perigo! Meu sofrimento nunca há de ser tão grande, quanto gloriosa será minha morte!

**Ismênia** - Já que assim queres, vai! Bem sabes que cometes um ato de loucura, mas provas tua dedicação por aqueles a quem amas!

*(Sai Antígone; Ismênia entra no palácio. Entra o Coro, composto de anciões e tebanos, e saúda o sol que nasce).*

**Coro** - Ó luz do Sol, a mais radiosa que jamais brilhou sobre a Tebas das Sete Portas, eis que enfim ressurges, fanal do dia que começa por sobre as fontes do Dirceu! Ao guerreiro de escudo prateado, vindo de Argos, e disposto a lutar, tu o fizeste fugir cavalcando mais veloz do que quando veio!

**Corifeu** - Trouxe-o Polinice a nossa terra, excitado por discórdias domésticas; e, qual águia que investe soltando agudos gritos, ele caiu sobre o país. Vinha coberto de uma plumagem branca como a neve; numerosas eram suas armas; e seus capacetes se ornavam de crinas ondulantes.

**Coro** - Ele pairou sobre nossos lares, com as garras aduncas; ele cercou, com suas lanças mortíferas, as sete entradas de Tebas; mas fugiu antes que se pudesse saciar em nosso sangue; antes que Hefáistos, com suas tochas resinosas, tivesse tomado as torres que defendem a cidade, - tão horrendo foi o fragor com que Marte rugiu entre os Argivos, e que tornou invencível o dragão que os veio combater!

**Corifeu** - Tudo porque Júpiter detesta a presunçosa jactância de uma língua altaneira; e, ao vê-los aproximando-se como uma avalanche imensa, orgulhosos com o retinir de suas

armas, ele brandiu sua chama invencível, e derrubou, de nossas cumeeiras, o invasor já pronto a gritar: "Vitória!"

**Coro** - E ele caiu por terra, qual novo Tântalo, com as tochas na mão; no delírio de um ardor frenético, ele se havia atirado com o ímpeto da mais furiosa tempestade! Mas foi baldado seu esforço! Os golpes do poderoso Marte, nosso aliado, deram-lhe outro destino!

**Corifeu** - Sete Chefes, lutando diante das Sete Portas, combatendo iguais contra iguais, deram a Júpiter, vitorioso, o tributo de suas armas de bronze; ao passo que dois infelizes, filhos do mesmo pai e da mesma mãe, ergueram, um contra o outro, suas lanças soberanas, e deram-se reciprocamente à morte!

**Coro** - Mas a gloriosa vitória veio, enfim! E recompensou o amor que lhe dedica Tebas, a Cidade possuidora de numerosos carros! A guerra acabou; esqueçamo-la, pois! Visitemos todos, os templos dos deuses, e seja nosso guia Baco, que faz tremer a terra tebana!

**Corifeu** - Eis que se aproxima o rei deste país, Creonte, filho de Meneceu, nosso novo soberano, depois dos acontecimentos que os deuses suscitaram. Traz ele em mente algum projeto; e, para isso, convocou, por uma ordem geral, esta Assembléia de Anciãos.

*(Entra Creonte, com numeroso séquito).*

**Creonte** - Cidadãos! Os deuses, depois que esta cidade foi rudemente abalada por um vendaval, deram-nos a segurança e a calma! Fostes aqui reunidos por meus arautos, porque sempre venerastes o trono de Laio, bem assim durante o reinado de Édipo, e, mesmo após sua morte, conservastes constante fidelidade a seus filhos. Visto que esses filhos, por um duplo destino, pereceram no mesmo dia, ferindo e feridos ambos por suas próprias mãos criminosas, cabe-me ocupar o trono, e exercer o poder dos que já não vivem, pelo direito que me advém do parentesco que a eles me ligava. Ora, é impossível conhecer a alma, o sentir e o pensar de quem quer que seja, se não o vimos agir, com autoridade, aplicando as leis. Em minha opinião, aquele que, como soberano de um Estado, não se inclina para as melhores decisões, e se abstém de falar, cedendo a qualquer temor, é um miserável! Quem preza a um amigo mais do que à própria Pátria, esse merece desprezo! Que Júpiter, que tudo vê, saiba que não me calarei se vir a ruína, e não o bem-estar de nosso povo; e jamais considerarei meu amigo quem for um inimigo de meu país! Obedecendo a estes princípios é que desejo promover a felicidade de Tebas. E, com esse mesmo espírito ordenei fosse tornado público o meu decreto concernente aos filhos de Édipo: Etéocles, que, lutando em prol da cidade, morreu com inigualável bravura, seja, por minha ordem expressa, devidamente sepultado; e que se lhe consagrem todas as oferendas que se depositam sob a terra, para os mortos mais ilustres! Quanto a seu irmão, - quero dizer: Polinice, - que só retornou do exílio com o propósito de destruir totalmente, pelo fogo, o país natal, e os deuses de sua família, ansioso por derramar o sangue dos seus, e reduzi-los à escravidão, declaro que fica terminantemente proibido honrá-lo com um túmulo, ou de lamentar sua morte; que seu corpo fique insepulto, para que seja devorado por aves e cães, e se transforme em objeto de horror. Eis aí como penso; jamais os criminosos obterão de mim qualquer honraria. Ao contrário, quem prestar benefícios a Tebas terá de mim, enquanto eu viver, e depois de minha morte, todas as honras possíveis!

**Corifeu** - Assim te agrada tratar, ó Creonte, filho de Meneceu, o inimigo, e o amigo deste país! Tu és o senhor, e a ti compete impor a lei que te convier, tanto aos vivos, como aos mortos.

**Creonte** - Zelai, agora, pela fiel execução de minhas ordens.

**Corifeu** - Aos mais jovens deves confiar esse encargo.

**Creonte** - Já tenho servos encarregados de guardar o morto.

**Corifeu** - Que mais nos ordenas, então?

**Creonte** - Que não tenhais piedade para com aqueles que infringirem minhas ordens!

**Corifeu** - Ninguém é louco, a ponto de desejar a morte!

**Creonte** - Tal será, com efeito, a conseqüência. Mas, pela ambição que estimula, o desejo do ganho muita vez põe a perder os homens...

*(Entra um pobre homem, um dos guardas encarregados de zelar pelo cadáver de Polinice)*

**Guarda** - Príncipe, eu não direi que o ardor me fatigou, nem que me apressei em vir ter aqui. Muita vez, em caminho, hesitante parei, a fim de refletir, e me voltei, disposto a desistir. Meu espírito a mim mesmo dizia: "Por que vais, desgraçado, aonde serás castigado assim que chegares?" - Ou então: "Infeliz! Tu ficas aí? E se Creonte souber disso por um outro, como serás punido?" Assim pensando, retardei-me num percurso que me pareceu longo... Resolvi, por último, vir de qualquer forma; e, posto que pouco tenha a dizer, falarei, seja como for! Chego animado pela esperança de que nada me acontecerá que não seja a vontade do destino!

**Creonte** - Mas que é que te causa tanta perturbação?

**Guarda** - Antes de tudo, quero declarar-te o que me diz respeito: não fui eu que fiz a coisa, não sei quem a fez, e portanto não é justo que eu sofra o menor mal!

**Creonte** - Mas quanta prudência! Como te cercas de precauções! Trazes, certamente, alguma novidade!

**Guarda** - O que não agrada, a gente hesita em dizer.

**Creonte** - Afinal, falas ou não? Decide-te, para que te retires em seguida!

**Guarda** - Neste caso, eu falo. Um desconhecido acaba de sepultar o corpo de Polinice, e desapareceu, depois de ter depositado terra seca sobre a sepultura, realizando os ritos necessários.

**Creonte** - Que dizes tu? Quem teve tamanha audácia?

**Guarda** - Não sei! Em parte alguma se ouviu a pancada da enxada, ou de cavadeiras; a terra é dura e seca, sem fendas, sem sinal das rodas; o culpado não deixou vestígios. Quando o primeiro guarda do dia ia entrar em serviço, descobriu o que estava feito, e todos nós ficamos estarecidos pela surpresa! Não se via o morto, embora não estivesse enterrado, mas apenas coberto por uma camada de terra. Nenhum vestígio de cão, ou de animal feroz que o tivesse arrastado. Nós, os guardas, proferimos recíprocas injúrias, cada qual acusando os demais, agredindo-nos mutuamente, sem que surgisse alguém para nos acalmar. Na verdade, cada um é um pouco culpado; mas ninguém disso queria convencer-se, todos alegando ignorar como aquilo aconteceu. Já nos dispúnhamos a tomar nas mãos o ferro em brasa, e a saltar sobre o fogo, a fim de jurar pelos deuses como nenhuma culpa nos cabia... Que não sabíamos quem ordenou, nem quem executou aquilo. Por último, como nada adiantávamos com essas discussões, alguém falou de modo que nos convenceu a todos, e, temerosos, curvamos a cabeça... Não podíamos contradizer, nem sugerir idéia melhor para que nos safássemos do perigo. O que se propunha é que viéssemos contar-te tudo o que se passara, nada te ocultando. Tal opinião prevaleceu. E a mim que sou mesmo um caipora, designou-me a sorte para tomar a meu cargo essa ótima comissão... Eis porque venho à tua presença, bem contra a minha e a tua vontade, visto que ninguém gosta de um portador de ruins notícias.

**Corifeu** - Ó príncipe... Não teriam os deuses resolvido que isso acontecesse? É o que estou pensando desde algum tempo.

**Creonte** - Cala-te, antes que me irrites com tais palavras, se não queres passar por imbecil, ou por caduco! Dizes coisas revoltantes, admitindo que os deuses se interessem por esse morto! Seria para honrá-lo com a sepultura, que eles inumaram esse homem, tratando como um benemérito a quem veio disposto a incendiar os templos, com os tributos que lhes eram prestados, e para revolucionar seu país, e as leis? Por acaso já viste honrarem os deuses a criminosos? Seria absurdo! Mas, das ordens que hei dado tem havido, desde algum tempo, cidadãos que as ouvem de má vontade, e, logo que delas têm conhecimento, murmuram contra mim, sacodem a cabeça, às ocultas, em sinal de desacordo, e não querem sujeitar-se, como convém, à minha autoridade. Foram esses, eu sei muito bem! - os que corromperam os guardas, e os induziram a fazer o que fizeram! Não há, para os homens, invenção mais funesta do que o dinheiro! Ele é que corrompe as cidades, afasta os homens de seus lares, seduz e conturba os espíritos mais virtuosos, e os arrasta à prática das mais vergonhosas ações! Em todos os tempos tem ensinado torpezas e impiedades! Quem quer que haja premeditado esse crime, mais cedo, ou mais tarde, será punido! Pois quê! Se Júpiter é venerado por mim, - fica-o sabendo tu, pois afirmo-o sob juramento! - se não descobrires quem deu sepultura ao morto, se não trouxerdes o culpado à minha presença, o Hades não será bastante para vos receber! Sereis suspensos, em vida, até que confesseis vosso crime. Sabereis, assim, de que mãos se deve receber o dinheiro, e aprendereis que nem de tudo se deve esperar imerecido proveito. Os ganhos ilícitos têm causado muito maior número de prejuízos, do que de vantagens!

**Guarda** - Permites que te diga ainda uma palavra, ou devo retirar-me?

**Creonte** - Não sabes que tua voz me é insuportável?

**Guarda** - É só aos ouvidos, ou no íntimo da alma, que minha voz te faz mal?

**Creonte** - Não vejo para que indicar o lugar exato onde sinto esse desgosto!

**Guarda** - É que... O criminoso te feriu o coração; eu, somente os ouvidos!

**Creonte** - Parece-me, na verdade, que tu nasceste para tagarela!

**Guarda** - Sim; mas não fui eu que pratiquei o crime!

**Creonte** - Embora! Vendeste-te por dinheiro, com certeza!

**Guarda** - É curioso como um homem que presume tudo descobrir, descobre coisas que não existem!

**Creonte** - Podes, agora, gracejar acerca do que eu descubro, ou não; mas se vós, os guardas, não me indicardes o culpado, havereis de saber que os lucros desonestos causam sempre contrariedades.

**Guardas** - Sim! Que tratemos de encontrar o criminoso... Mas, se o apanharmos, ou não, isso é que pertence ao destino decidir, e não há perigo de que me vejas novamente aqui... Na verdade, deste apuro, que vem contra minha expectativa, conto livrar-me ainda; e por isso deverei aos deuses uma gratidão infinita!

*(Sai o guarda. Creonte entra no palácio).*

**Coro** - Numerosas são as maravilhas da natureza, mas de todas a maior é o Homem! Singrando os mares espumosos, impelido pelos ventos do sul, ele avança, e arrosta as vagas imensas que rugem ao redor! Gê, a suprema divindade, que a todas as mais supera, na sua eternidade, ele a corta com suas charruas, que, de ano em ano, vão e vêm, revolvendo e fertilizando o solo, graças à força das alimárias! A tribo dos pássaros ligeiros, ele a captura, ele a domina; as hordas de animais selvagens, e de viventes das águas do mar, o Homem imaginoso as prende nas malhas de suas redes. E amansa, igualmente, o animal agreste, bem como o dócil cavalo, que o conduzirá, sob o jugo e os freios, que o prendem dos dois lados; bem assim o touro bravio das campinas. E a língua, o pensamento alado, e os costumes moralizados, tudo isso ele aprendeu! E também, a evitar as intempéries e os rigores da natureza! Fecundo em seus recursos, ele realiza sempre o ideal a que aspira! Só a Morte, ele não encontrará nunca, o meio de evitar! Embora de muitas doenças, contra as quais nada se podia fazer outrora, já se descobriu remédio eficaz para a cura. Industrious e hábil, ele se dirige, ora para o bem... Ora para o mal... Confundindo as leis da natureza, e também as leis divinas a que jurou obedecer, quando está à frente de uma cidade, muita vez se torna indigno, e pratica o mal, audaciosamente! Oh! Que nunca transponha minha soleira, nem repouse junto a meu fogo, quem não pense como eu, e proceda de modo tão infame!

*(Reaparece o Guarda, trazendo Antígone, que caminha com a cabeça inclinada)*

**Corifeu** - Oh! Que surpresa me causa o que ora vejo! Como negar, porém, se eu a reconheço! Como duvidar que seja a jovem Antígone? Infeliz filha de um desgraçado pai, - de Édipo! - que aconteceu contigo? Será que te trazem presa, por desobediência a alguma ordem real? Surpreenderam-te, talvez, na prática de alguma ação criminosa?

**Guarda** - Ei-la aqui, aquela que fez a extraordinária proeza! Nós a surpreendemos no momento em que sepultava o cadáver. Mas... Onde está Creonte?

**Corifeu** - Ei-lo que volta do palácio, e vem a propósito!

*(Entra Creonte)*

**Creonte** - Que há? Por que motivo é oportuna minha volta?

**Guarda** - Príncipe, nunca devemos jurar coisa alguma; uma segunda opinião pode desmentir a primeira! Dificilmente eu consentiria em voltar aqui, tanto me aterraram tuas ameaças! Mas... - sempre é mais sensível uma alegria por que não se espera! - eis-me de volta, embora tivesse jurado o contrário, eis-me de volta, com esta jovem, que foi por nós surpreendida no momento em que concluía a inumação do cadáver. Desta vez não fui escolhido pela sorte; eu mesmo fiz a descoberta. E agora, - visto que ela está em tuas mãos, ó príncipe, - interroga-a como quiseres, obriga-a a confessar seu crime. Quanto a mim, devo ser declarado livre de qualquer suspeita, ou castigo.

**Creonte** - Tu a conduzes, sim! Mas como, e onde a prendeste?

**Guarda** - Por suas próprias mãos estava dando sepultura ao morto; tu já o sabes.

**Creonte** - E tu compreendes o alcance do que estás dizendo? Tens absoluta certeza do que dizes?

**Guarda** - Sim! Foi ela, que, apesar de tua proibição, estava dando sepultura ao morto... Não é claro o que estou dizendo?

**Creonte** - Mas, como foi que a viste e a surpreendeste?

**Guarda** - Eis como tudo se passou: Logo que voltei, preocupado com as terríveis ameaças que me fizeste, nós retiramos toda a terra que cobria o morto, deixando descoberto o corpo, já em decomposição, e fomos nos postar no alto dos cômodos que há em torno, ao alcance da brisa, a fim de evitar que nos atingisse o mau cheiro. Cada um de nós excitava os companheiros à vigilância, censurando rudemente quem quer que não se mostrasse atento. E isso durou até que o disco solar alcançou o meio do céu, e o calor se tornou ardente. Nesse momento, uma ventania fortíssima ergueu um turbilhão de poeira, varrendo a região, e arrancando a folhagem das árvores. Todo o céu escureceu; e nós com os olhos cerrados, esperamos o fim desse flagelo divino. Quando ele cessou, vimos esta jovem; ela soltava gritos agudos, como um pássaro desesperado ao ver desaparecidos os filhos do ninho deserto. Assim, à vista do cadáver desenterrado, ela, gemendo, proferiu maldições



tremendas contra os autores do sacrilégio. Em suas mãos traz nova porção de areia seca, e depois, erguendo um vaso cinzelado, faz, sobre a cabeça do morto, uma tríplice libação. Em vista disso, nós nos precipitamos, e juntos a agarramos, sem que ela demonstrasse o menor susto; interrogamo-la sobre o que acabava de fazer, e o que fizera antes; ela nada negava, - o que me alegrou, e me entristeceu ao mesmo tempo!... Com efeito, é motivo de alegria escapar alguém de uma desgraça; mas é causa de desgosto fazer com que nela caiam pessoas amigas. Enfim... Isso tem menos importância que a minha própria salvação.

**Creonte** - Ó tu, que manténs os olhos fixos no chão, confessas, ou negas, ter feito o que ele diz?

*(Antígone ergue-se, e fita-o de frente, com desassombro)*

**Antígone** - Confesso o que fiz! Confesso-o claramente!

**Creonte** *(Ao guarda)* - Podes ir para onde quiseres, livre da acusação que pesava sobre ti! *(A Antígone)* Fala, agora, por tua vez; mas fala sem demora! Sabias que, por uma proclamação, eu havia proibido o que fizeste?

**Antígone** - Sim, eu sabia! Por acaso poderia ignorar, se era uma coisa pública?

**Creonte** - E apesar disso, tiveste a audácia de desobedecer a essa determinação?

**Antígone** - Sim, porque não foi Júpiter que a promulgou; e a Justiça, a deusa que habita com as divindades subterrâneas, jamais estabeleceu tal decreto entre os humanos; nem eu creio que teu édito tenha força bastante para conferir a um mortal o poder de infringir as leis divinas, que nunca foram escritas, mas são irrevogáveis; não existem a partir de ontem, ou de hoje; são eternas, sim! E ninguém sabe desde quando vigoram! - Tais decretos, eu, que não temo o poder de homem algum, posso violar sem que por isso me venham a punir os deuses! Que vou morrer, eu bem sei: é inevitável; e morreria mesmo sem a tua proclamação. E, se morrer antes do meu tempo, isso será, para mim, uma vantagem, devo dizê-lo! Quem vive, como eu, no meio de tão ltuosas desgraças, que perde com a morte? Assim, a sorte que me reservas é um mal que não se deve levar em conta; muito mais grave teria sido admitir que o filho de minha mãe jazesse sem sepultura; tudo o mais me é indiferente! Se te parece que cometi um ato de demência, talvez mais louco seja quem me acusa de loucura!

**Corifeu** - Com seu caráter indomável, esta jovem revela que descende de um pai igualmente inflexível; ela não se deixa dominar pela desgraça.

**Creonte** - Fica-o sabendo, pois: os espíritos mais rígidos são, precisamente, aqueles que se deixam abater! O ferro, tão duro, vem a ser, quando aquecido, o metal que mais facilmente se pode vergar e romper... Tenho visto cavalos fogosos que um simples freio subjuga... Não convém, pois, exibir um caráter altaneiro, quando se está à mercê de outrem. Esta criatura agiu temerariamente, desobedecendo às leis em vigor; e, para agravar, com uma segunda ofensa, a primeira, acaba de se gloriar do ato que praticou. Eu não seria mais um homem, e ela é que me substituiria, se esta atitude que assumiu ficasse impune. Mas, seja ela filha de

minha irmã, e, portanto, mais vinculada a mim do que o próprio Júpiter do meu lar, ela e sua irmã não escaparão à sorte mais funesta, porque acuso a outra de haver, igualmente, premeditado o enterramento do irmão. Chamai-a! Eu a vi, no palácio, há pouco, desvairada, fora de si! Muitas vezes o espírito que pensa em executar uma ação perversa, se deixa trair por sua perturbação, antes de realizá-la! Mas detesto, também, aquele que, culpado de um crime, procura dar a este um nome glorioso!

**Antígone** - Visto que já me tens presa, que mais queres tu, além de minha morte?

**Creonte** - Nada mais! Com isso já me darei por satisfeito.

**Antígone** - Por que demoras, pois? Em tuas palavras tudo me causa horror, e assim seja sempre! Também todos os meus atos te serão odiosos! Que maior glória posso eu pretender, do que a de repousar no túmulo de meu irmão? Estes homens (*indica o coro*) confessariam que aprovam o que eu fiz, se o terror não lhes tolhesse a língua! Mas, um dos privilégios da tirania consiste em dizer, e fazer, o que quiser.

**Creonte** - Em Tebas só tu assim considera as coisas.

**Antígone** - Eles pensam como eu; mas, para te agradar, silenciam...

**Creonte** - E tu não te envergonhas de emitir essa opinião?

**Antígone** - Não vejo de que me envergonhe em ter prestado honras fúnebres a alguém, que nasceu do mesmo ventre materno...

**Creonte** - E por acaso não era teu irmão, também, o outro, que morreu?

**Antígone** - Sim! Era filho do mesmo pai, e da mesma mãe!

**Creonte** - Então por que prestas a um essa homenagem, que representa uma impiedade para com o outro?

**Antígone** - Asseguro-te que esse outro, que morreu, não faria tal acusação!

**Creonte** - Sim! Visto que só honraste, com tua ação, aquele que se tornou criminoso.

**Antígone** - O que morreu também não era seu escravo, mas seu irmão!

**Creonte** - No entanto devastava o país, que o outro defendia.

**Antígone** - Seja como for, Hades exige que a ambos se apliquem os mesmos ritos!

**Creonte** - Não é justo dar, ao homem de bem, tratamento igual ao do criminoso.

**Antígone** - Quem nos garante que esse preceito seja consagrado na mansão dos mortos?

**Creonte** - Ah! Nunca! Nunca um inimigo me será querido, mesmo após sua morte.

**Antígone** - Eu não nasci para partilhar de ódios, mas somente de amor!

**Creonte** - Desce, pois, à sepultura!... Visto que queres amar, ama aos que lá encontrares! Enquanto eu vivo for, nenhuma mulher me dominará!

*(Entra Ismênia, entre dois escravos)*

**Coro** - Eis que ao vestíbulo do palácio se dirige Ismênia; seu amor pela irmã arranca-lhe abundantes lágrimas; uma nuvem, por sobre seus olhos, altera-lhe a fisionomia; e o pranto inunda a encantadora face.

**Creonte** - Tu, que no meu palácio, deslizando como uma víbora, sugavas o meu sangue, - e eu não sabia que mantinha duas criminosas prontas a me derrubar do trono! - vejamos! Fala! Tu vais confessar se participaste do enterramento de Polinice, ou jurar que de nada sabias!

**Ismênia** - Sou culpada, se ela nisso consentir; partilhei do ato, e quero partilhar da acusação.

**Antígone** - Mas a Justiça não o permitirá! Não quiseste ser cúmplice do que fiz, e eu própria não mais consenti que tomasses parte.

**Ismênia** - Oh! Não te envergonhes, na infelicidade, em consentir que eu me associe ao perigo que corres.

**Antígone** - Quem tudo fez, Hades e os mortos bem sabem... Quem só me ama por palavras, não pode ser, para mim, uma verdadeira amiga.

**Ismênia** - Não me julgues, irmã, indigna de morrer contigo, honrando os nossos mortos!

**Antígone** - Não! Não me acompanhes na morte! Não queiras passar como autora do que não fizeste! Meu sacrifício, só, bastará!

**Ismênia** - E como poderei eu viver, minha irmã, sem tua companhia?

**Antígone** - Pergunta-o a Creonte... Todos os teus cuidados são para ele...

**Ismênia** - Por que me magoas assim, sem proveito algum para ti?

**Antígone** - Se escarneço de ti, é com dor profunda que o faço!

**Ismênia** - E que posso eu tentar, em teu benefício?

**Antígone** - Salvar tua vida... Não tenho a menor inveja de ti, se o conseguires!

**Ismênia** - Como sou infeliz! Não poderei compartilhar de tua sina!

**Antígone** - Tu escolheste a vida, e eu, a morte.

**Ismênia** - Mas não porque tenha esquecido o que me cumpria dizer-te!

**Antígone** - Há de haver quem te dê razão; mas a mim também!

**Ismênia** - No entanto, o crime, se existe, é de nós ambas!

**Antígone** - Tranquíllza-te! Tu viverás! Quanto a mim, dediquei minha alma ao culto dos mortos.

**Creonte** - Estas duas jovens perderam a razão, evidentemente; uma enlouqueceu agora; a outra, desde que nasceu!

**Ismênia** - Ó rei, a mais sólida razão não resiste aos golpes da adversidade.

**Creonte** - Foi o que te aconteceu, quando resolveste acompanhar os malvados na prática do mal.

**Ismênia** - Só, sem minha irmã, como poderei eu viver?

**Creonte** - Não fales mais nela; ela, é como se já não vivesse.

**Ismênia** - Ordenarás tu que pereça a noiva de teu filho?

**Creonte** - Ora... Outros campos há, que ele possa cultivar!

**Ismênia** - Mas não será isso o que eles juraram, um ao outro!

**Creonte** - Esposas perversas, para meu filho, eu as rejeito!

**Ismênia** - Pobre Hémon! Como teu pai te amesquinha!

**Creonte** - Tu me importunas, com esse casamento!

**Corifeu** - Será crível, ó rei, que a arranques a teu próprio filho?

**Creonte** - Será o Hades que romperá, por mim, esse noivado.

**Corifeu** - Parece-me, pois, que está definitivamente resolvido: ela morrerá!

**Creonte** - Tal é minha decisão! (*aos servos*) Nada de demora! Levai-as para o palácio, escravos! Quero que estas mulheres sejam amarradas, e que não mais andem em liberdade! Os mais corajosos fogem quando sentem que a morte os ameaça!

(*Saem os escravos, conduzindo as duas jovens*)

**Coro** - Ditosos aqueles que, na vida, não provaram do fruto do mal! Quando os deuses abalam uma família, o infortúnio se atira, sem descanso, sobre os seus descendentes, tal como as ondas do mar, quando, batidas pela tempestade, revolvem até a areia escura das profundezas do abismo, e as praias gemem com o fragor das vagas que rebentam. Vemos, há muito tempo, acumularem-se os males na família dos Labdácidas, prolongando-se as desgraças das gerações extintas, sobre as gerações que vêm surgindo... Um deus os persegue cruelmente; não há possibilidade de salvação. O fraco luar de esperança que se sentia nos últimos ramos da família de Édipo, acaba de ser extinto, por uma saraivada de palavras imprudentes, de ódio e desvario; e esses ramos corta-os a foice impiedosa dos deuses infernais! Ó Júpiter! Que orgulho humano poderá, jamais, te vencer? Nem o sono, a que se entregam todos os mortais, nem o curso incessante dos anos, nada sustém o teu poder! Isento da velhice, tu reinas, senhor supremo, sobre o cume brilhante do Olimpo! Por toda a eternidade prevalecerá esta lei: não haverá nunca, na vida humana, grandeza ou fausto a que não se misture o travo de alguma desgraça. A frágil esperança será um bem para muitas criaturas, mas será, para outras, uma ilusão apenas, uma ilusão de seus anelos. O homem, que tudo ignora, deixa-se levar por ela, até que sinta queimar os pés nalguma brasa. Sabiamente nos diz este preceito antigo: "o mal se afigura um bem para aqueles a quem a divindade quer arrastar à perdição; pouco tempo ele viverá isento da desgraça".

*(Hémon entra pela porta central)*

**Corifeu** - Eis aqui Hémon, ó rei; o mais jovem de teus filhos; vem amargurado pela sorte de Antígone, a quem em breve iria esposar? Lamenta o seu amor malogrado?

**Creonte** - É o que em breve saberemos, melhor do que os adivinhos. Meu filho, sabedor da sentença irrevogável que proferi contra tua noiva, vens enfurecido contra teu pai, ou continuas a prezar-me, apesar do que fiz?

**Hémon** - Pai... Eu te pertenço... Teus sábios conselhos me têm guiado, e eu os seguirei. Para mim não há casamento algum que possa prevalecer sobre tua vontade.

**Creonte** - Eis aí a prudente regra, meu filho, que é preciso guardar no coração! Tudo nos deve provir da vontade paterna. A única razão pela qual os homens desejam que nasçam e cresçam em sua casa novos rebentos, é a certeza de que estes, mais tarde, ataquem o seu inimigo, e honrem o seu amigo, tão bem como o pai o faria. Quem quer que tenha filhos inúteis, não terá feito outra coisa senão angariar para si motivos de desgosto, e para seus inimigos uma fonte de risos. Não abandones, pois, meu filho, pela sedução do prazer, ou por causa de uma mulher, os sentimentos de que estás animado; e sabe que é bem frio, muita vez, o beijo de uma mulher quando é uma esposa má que recebe o marido em casa... Haverá maior flagelo do que um falso amigo? Repele, pois, essa jovem como se ela fosse tua inimiga; manda ao Hades, para que lá se case com quem quiser. Visto que eu a prendi, quando, ostensivamente transgredia a uma de minhas ordens, - e foi a única pessoa, em toda a cidade, a proceder assim! - eu não quereirei passar por mentiroso e fraco diante do povo, e ordenarei sua morte. Que ela implore Júpiter, o deus da família! Se eu tolero a rebeldia daqueles que pertencem à minha estirpe, com mais forte razão transigirei com a de

estranhos! Quem é rigoroso na decisão de seus casos domésticos, será também justo no governo do Estado. Quem, por orgulho e arrogância, queira violar a lei, e sobrepor-se aos que governam, nunca merecerá meus encômios. O homem que a cidade escolheu para chefe deve ser obedecido em tudo, quer seus atos pareçam justos, quer não. Quem assim obedece, estou certo, saberá tão bem executar as ordens que lhe forem dadas, como comandar, por sua vez; e será, na guerra, um aliado valoroso e fiel. Não há calamidade pior do que a rebeldia; ela é que arruina os povos, perturba as famílias, e causa a derrota dos aliados em campanha. Ao contrário, o que garante os povos, quando bem governados, é a voluntária obediência. Cumpre, pois, atender à ordem geral, e não ceder por causa de uma mulher. Melhor fora, em caso tal, ser derribado do poder por um homem; ninguém diria, então, que as mulheres nos venceram!

**Corifeu** - Se nossa mente não se enfraqueceu com a idade, parece-nos razoável tudo o que dizes.

**Hémon** - Meu pai, ao dotar os homens da razão, os deuses concederam lhes a mais preciosa dádiva que se pode imaginar. Será, por acaso, certo tudo o que acabas de dizer? Eu não sei... E praza aos deuses que não saiba nunca. No entanto, outros há, que podem ter outras idéias. De qualquer forma, é no teu interesse que me julgo no dever de examinar o que se diz, o que se faz, e as críticas que circulam. Teu semblante inspira temor ao homem do povo, quando este se vê forçado a dizer o que não te é agradável ouvir. Quanto a mim, ao contrário, posso observar, às ocultas, como a cidade inteira deplora o sacrifício dessa jovem; e como, na opinião de todas as mulheres, ela não merece a morte por ter praticado uma ação gloriosa... Seu irmão jazia insepulto; ela não quis que ele fosse despedaçado pelos cães famintos, ou pelas aves carniceiras. "Por acaso não merece ela uma coroa de louros?" eis o que todos dizem, reservadamente. Para mim, meu pai, tua prosperidade é o bem mais precioso. Que mais belo florão podem ter os filhos, do que a glória de seu pai; e que melhor alegria terá o pai, do que a glória dos filhos? Mas não creias que só tuas decisões sejam acertadas e justas... Todos quantos pensam que só eles têm inteligência, e o dom da palavra, e um espírito superior, ah! Esses, quando de perto os examinamos, mostrar-se-ão inteiramente vazios! Por muito sábios que nos julguemos, não há deixar em aprender ainda mais, e em não persistir em juízos errôneos... Quando as torrentes passam engrossadas pelos aguaceiros, as árvores que vergam conservam seus ramos, e as que resistem são arrancadas pelas raízes. O piloto que, em plena tempestade, teima em conservar abertas as velas, faz emborcar o navio, e lá se vai, com a quilha exposta ao ar! Cede, pois no teu íntimo, e revoga teu édito. Se, apesar de minha idade, me é lícito emitir um parecer, direi que o homem que possuir toda a prudência possível, deve levar vantagem aos outros; mas como tal virtude nunca se encontra, manda o bom senso que aproveitemos os conselhos dos demais.

**Corifeu** - Príncipe, visto que ele propõe medidas de moderação e prudência, convém ouvi-lo; de parte a parte vós falastes muito bem!

**Creonte** - Devo eu, na minha idade, receber conselhos de um jovem?

**Hémon** - Ouve somente os que parecerem justos. Sou moço ainda, é evidente; mas nós devemos atender às razões, e não à idade.

**Creonte** - Terei eu então de honrar a quem se mostrou rebelde?

**Hémon** - Nunca proporei que se respeite a quem houver praticado o mal.

**Creonte** - E por acaso não foi um crime o que ela fez?

**Hémon** - Não é assim que pensa o povo de Tebas.

**Creonte** - Com que então cabe à cidade impor-me as leis que devo promulgar?

**Hémon** - Vê como tua linguagem parece ser a de um jovem inexperiente!

**Creonte** - É em nome de outrem que estou governando neste país?

**Hémon** - Ouve: não há Estado algum que pertença a um único homem!

**Creonte** - Não pertence a cidade, então, a seu governante?

**Hémon** - Só num país inteiramente deserto terias o direito de governar sozinho!

**Creonte** - Bem se percebe que ele se tornou aliado dessa mulher!

**Hémon** - Só se tu te supões mulher, porque é pensando em ti que assim falo.

**Creonte** - Miserável! Por que te mostras em desacordo com teu pai?

**Hémon** - Porque te vejo renegar os ditames da Justiça!

**Creonte** - Por acaso eu a ofendo, sustentando minha autoridade?

**Hémon** - Mas tu não a sustentas calcando aos pés os preceitos que emanam dos deuses!

**Creonte** - Criatura vil, que se põe a serviço de uma mulher!

**Hémon** - Tu nunca me viste, nem me verás jamais, ceder a prazeres indignos!

**Creonte** - Seja como for, todas as tuas palavras são em favor dela!

**Hémon** - São por ela, sim! Como são por ti, por mim, e pelos deuses imortais!

**Creonte** - Essa mulher, tu nunca a desposarás viva!

**Hémon** - Ela morrerá, eu sei! Mas sua morte há de causar uma outra!

**Creonte** - Tens coragem de recorrer as ameaças?

**Hémon** - Que ameaças pode haver, se combatemos razões tão frívolas?

**Creonte** - Tu pagarás caro tuas lições de prudência, insensato!

**Hémon** - Queres só falar, e nada ouvir?

**Creonte** - Escravo de uma mulher, não me perturbes com tua tagarelice!

**Hémon** - Se tu não fosses meu pai, eu diria que perdeste o senso!

**Creonte** - Sim? Pelo Olimpo! Fica-o sabendo bem: tu não te alegrarás por me teres censurado e ultrajado assim! (*a um escravo*) Leva essa mulher odiosa, para que ela morra imediatamente, em minha vista, e na presença de seu noivo!

**Hémon** - Não! Em minha presença, ela não morrerá! E tu nunca mais me verás diante de ti! Descarrega teus furores por sobre aqueles que a isso se sujeitarem!

*(Sai Hémon)*

**Corifeu** - Príncipe, ele partiu possuído de angústia; na sua idade, tamanho desespero é para se temer!

**Creonte** - Faça o que fizer, ainda que pratique façanhas sobre-humanas, não salvará da morte essas donzelas.

**Corifeu** - Mas... Pensas em ordenar que pereçam ambas?

**Creonte** - Não! Tens razão... Será poupada a que nada fez.

**Corifeu** - E como pensas em dar a morte à outra?

**Creonte** - Levá-la-ei a um sítio deserto; e ali será encerrada, viva, em um túmulo subterrâneo, revestido de pedra, tendo diante de si o alimento suficiente para que a cidade não seja maculada pelo sacrilégio. Lá, ela poderá invocar Plutão, o único deus que venera... E talvez ele evite que ela morra... Só assim ela se convencerá de que é inútil querer prestar culto aos mortos!

*(Sai Creonte)*

**Coro** - Amor, invencível Amor, tu que subjugas os mais poderosos; tu, que repousas nas faces mimosas das virgens; tu que reinas, tanto na vastidão dos mares, como na humilde cabana do pastor; nem os deuses imortais, nem os homens de vida transitória podem fugir a teus golpes; e, quem for por ti ferido, perde o uso da razão! Tu arrastas, muita vez, o justo à prática da injustiça, e o virtuoso, ao crime; tu semeias a discórdia entre as famílias... Tudo cede à sedução do olhar de uma mulher formosa, de uma noiva ansiosamente desejada; tu, Amor, te equiparas, no poder, às leis supremas do universo, porque Vênus zomba de nós!

*(Surge Antígone, conduzida por dois servidores de Creonte; ela tem as mãos amarradas)*



**Corifeu** - Eu próprio sinto-me revoltado contra as leis, e não posso conter minhas lágrimas ao ver Antígone dirigir-se para o seu leito nupcial: o túmulo, - onde hão de dormir todos os humanos!

**Antígone** - Cidadãos de Tebas, minha Pátria! Vede-me em caminho para o atalho fatal, contemplando, pela última vez, a luz rutilante do sol! Plutão me arrasta, viva, às margens do Aqueronte, sem que eu haja sentido os prazeres do himeneu, cujos cantos jamais se ouvirão por mim! O Aqueronte será meu esposo!

**Coro** - Tu irás, pois, coberta de glória, a essa mansão tenebrosa dos mortos, sem que tenhas sofrido as doenças, e sem que recebas a morte pela espada... Por sua própria vontade, única entre os mortais, vais descer ao Hades!

**Antígone** - Ouvi contar a morte dolorosa da infeliz frigia, a filha de Tântalo, sobre o monte Sípilo: uma camada de pedra a circundou, como uma hera indissolúvel; e dizem que de sua frente petrificada, e coberta de neve, jorravam lágrimas sem fim, alagando-lhe o peito. Assim também quer o destino que eu vá, em vida, repousar num túmulo de pedra...

**Corifeu** - Níobe era uma divindade, e descendia dos deuses... Mas nós somos humanos, e filhos de mortais. Portanto, quando não mais viveres, será uma glória para ti que recordem sempre que tiveste uma sorte igual a de seres divinos, tanto na vida, como na morte!

**Antígone** - Ai de mim! Zombam de minha desgraça! Pelos deuses imortais, por que não esperam eles que eu morra, e por que me insultam na presença de todos? Ó cidade tebana! Ó felizes habitantes de minha terra, ó fontes do Dirceu, ó muros sagrados de Tebas, a vós, pelo menos, eu tomo por testemunhas! Vede como, sem que sejam ouvidas as lamentações de meus amigos, como, e por que iníquas leis sou levada a um covil de pedra, a um túmulo de nova espécie! Como sou infeliz! Nem sobre a terra, nem na região das sombras, poderei habitar, nem com os vivos, nem com os mortos!

**Corifeu** - Por tua demasiada audácia, minha filha, tu ofendeste a autoridade; talvez sofras para expiar um crime de seu pai!

**Antígone** - Dolorosas recordações tu me trazes, renovando as angústias sem fim que tenho sofrido por meu pai, por nosso destino, pelo infortúnio minaz dos Labdácidas! Oh! Funesto casamento, o de minha pobre mãe! União com o meu desgraçado pai, que lhe devia a vida! De que míseros progenitores eu nasci! E será por eles que, maldita, sem ter sido desposada, eu caminho para a sepultura! Meu irmão, que desastrado casamento tu fizeste! Tua morte é que me faz perder a vida!

**Corifeu** - Ação piedosa é prestar culto aos mortos; mas, quem exerce o poder, não quer consentir em ser desobedecido. Teu caráter voluntarioso causou tua perda. Pedra, eternamente lacrimajante. Pausânias declara ter visto no Sípilo, o bloco de pedra, que, de longe, dá a impressão exata de uma mulher em pranto.

**Antígone** - Sem que chorem por mim, sem amigos, sem cânticos de himeneu, desgraçada, sou conduzida nesta fúnebre viagem!... A luz sagrada do sol, já não mais poderei ver. Que ninguém lamente minha sorte! Que ninguém suspire por mim!

**Creonte** (*Aos guardas*) - Sabeis vós que estas lamentações e estes gemidos antes da morte não teriam fim, se o condenado os pudesse prolongar indefinidamente? Por que não a levais, já, e já? Encerrai-a, como vos ordenei, na cavidade de pedra, e deixai-a ali só, para que morra... Ou fique sepultada viva em tal abrigo. Para nós nenhuma culpa haverá na morte dessa jovem; ela, porém, nunca mais poderá aparecer entre os vivos!

**Antígone** - Ó túmulo, ó leito nupcial, eterna prisão da subterrânea estância, para onde caminho, para juntar-me aos meus, visto que a quase todos já Perséfone recebeu entre os mortos! Seja eu a última que desço ao Hades antes do termo natural de meus dias... Lá, ao menos, tenho esperança de que minha chegada agradará a meu pai, a minha mãe, e também a ti, meu irmão querido! Quando morrestes, eu, com minhas próprias mãos, cuidei de vossos corpos, sobre eles fiz libações fúnebres; e hoje, Polinice, porque dei sepultura a teus restos mortais, eis a minha recompensa! Creio, porém, que no parecer dos homens sensatos, eu fiz bem. Com efeito, nunca, por um filho, se fosse mãe, ou pelo marido, se algum dia lamentasse a morte de um esposo, eu realizaria semelhante tarefa, contrariando a proibição pública! E por que razão assim penso? Porque eu poderia ter outro esposo, morto o primeiro, ou outros filhos, se perdesse o meu: mas, uma vez mortos meu pai e minha mãe, nunca mais teria outro irmão! Eis aí por que te prestei estas honras, e por que, na opinião de Creonte, pratiquei um crime, um ato incrível, meu querido irmão. E agora sou arrastada, virgem ainda, para morrer, sem que houvesse sentido os prazeres do amor e os da maternidade. Abandonada por meus amigos, caminho, viva ainda, para a mansão dos mortos. Deuses imortais, a qual de vossas leis eu desobedeci? Mas... De que me serve implorar os deuses? Que auxílio deles posso receber, se foi por minha piedade que atraí sobre mim o castigo reservado aos ímpios? Se tais coisas merecem a aprovação dos deuses, reconheço que sofro por minha culpa; mas se provém de meus inimigos, eu não lhes desejo um suplício mais cruel do que o que vou padecer!

**Coro** - Sempre a mesma tempestade a lhe agitar a alma sofredora!

**Creonte** - Eles hão de se arrepender de sua lentidão!

**Antígone** - Pobre de mim! Esta ameaça anuncia que minha morte não tarda.

**Creonte** - Não te animes na suposição de que podes retardar a execução de minhas ordens.

**Antígone** - Ó cidade de meus pais, terra tebana! Ó deuses, autores de minha raça! Vejo-me arrastada! Chefes tebanos, vede como sofre a última filha de vossos reis, e que homens a punem, por haver praticado um ato de piedade!

*(Antígone desaparece levada pelos guardas, enquanto o Coro canta)*

**Coro** - Danaé sofreu igual desdita, encerrada num recinto de bronze, e privada da luz celeste! E ficou presa nessa angustiada sepultura, sendo embora ilustre por sua origem,

minha filha, e tendo sido fecundada por Júpiter, sob uma chuva de ouro! Mas o destino é inexorável: nem a tempestade, nem a guerra, nem as muralhas, nem os navios sacudidos pelas ondas, podem dele fugir Assim foi submetido a igual provação o ardoroso filho de Drias o rei dos Edônios, o qual, por sua imprudência, foi encerrado por Dionisos numa prisão de pedra. E assim arrefeceu o fervor de sua loucura! Ele reconheceu que fora imprudência atacar o deus, com expressões insolentes, o que fizera no desejo de pôr um fim ao delírio das bacantes, mas contrariando também as musas, que apreciam o som das avenas. Vindo das rochas Ciâneas entre os dois mares, encontram-se as margens do Bósforo e da inóspita Salmidés da Trácia. Foi ali que Marte viu os dois filhos de Fineu sob o golpe cruel da infame madrasta, que os cegou, arrancando-lhes os olhos, não com uma lâmina, mas com as unhas sangrentas e as pontas de suas lançadeiras. Choravam aqueles infelizes a triste sorte de sua mãe, cujo casamento produzira filhos tão desgraçados; ela descendia das antigas Erectides; filha de Bóreas, criada em grutas longínquas, e cercada das tempestades sujeitas a seu pai, tornou-se ágil na corrida, e mais veloz que os cavalos na montanha. Embora de progênie dos deuses, as Parcas imortais não a pouparam!

*(Entra Tirésias, guiado por um menino)*

**Tirésias** - Ó chefes tebanos, nós, que aqui estamos, fizemos longa jornada juntos! Um de nós vê pelo outro; bem sabeis que os cegos não podem caminhar sem um guia.

**Creonte** - Que novas me trazes, velho Tirésias?

**Tirésias** - Vou anunciá-las... Não deixes de crer em meus oráculos.

**Creonte** - Até agora tenho observado teus conselhos.

**Tirésias** - Graças a isso, conseguiste encaminhar esta cidade por uma rota segura.

**Creonte** - E posso assegurar-te que deles muito me tenho valido.

**Tirésias** - Sabe, pois, que novamente se tornou critica tua situação.

**Creonte** - Que há então? Dize! Tuas palavras me assustam!

**Tirésias** - Vais saber já, o que os signos me anunciam. Estava eu sentado no venerando sólio augural, de onde poderia ouvir todos os presságios, quando ouvi um rumor confuso de pássaros, que soltavam gritos estridentes, para mim incompreensíveis; era fácil perceber-se o debater Fineu abandonou-a, para desposar outra mulher. Esta hedionda madrasta, vendo os enteados chorarem a ausência da mãe, arrancou-lhe os olhos, e deixou-os numa caverna. Sófocles tirou dessa lenda o assunto de sua tragédia Fineu, uma das muitas que se perderam de suas asas. Logo em seguida, tentei experimentar o fogo no altar aquecido; mas as oferendas de Vulcano não subiam com labaredas claras; a cinza cala sobre as gorduras, com odor desagradável; no ar enfumaçado, vaporizava-se o fel, enquanto os ossos ficavam, umedecidos pela banha que os revestia... Eis o que me dizia este menino: os presságios não se ouviam; e os sacrificios nenhum sinal nos davam. Meu guia é, para mim, o que eu quero ser para os outros... E esta desgraça iminente é causada por tuas resoluções... Os altares da

cidade, as aras consagradas aos deuses, estão cheios de pedaços da carne do infeliz filho de Édipo... Eis por que os deuses repelem nossas orações, e rejeitam nossos holocaustos; não se ergue a chama sobre as vítimas; nem as aves soltam cantos de bom augúrio, visto que estão saciadas com o sangue humano... Pensa nisto, meu filho! O erro é comum entre os homens: mas quando aquele que é sensato comete uma falta, é feliz quando pode reparar o mal que praticou, e não permanece renitente. A teimosia produz a imprudência. Cede diante da majestade da morte: não profanes um cadáver! De que te servirá matar, pela segunda vez, a quem já não vive? Bem sabes que sou dedicado a teus interesses, e é por minha dedicação que te aconselho. Que pode haver de mais oportuno do que um conselho realizável?

**Creonte** - Ancião, todos vós, como archeiros, dirigis contra mim vossas setas certas; nem dos adivinhos estou livre! Meus próprios parentes me traem, há muito tempo! Pois bem: empanturrai-vos de dinheiro, apoderaí-vos de todo o ouro do Sardes e do Indo! Mas nunca dareis a esse homem as honras da sepultura! Ainda que as águias de Júpiter quisessem levar ao trono do supremo deus os restos de seu corpo, eu, sem receio de tal profanação, não consentirei que o sepulsem! No entanto, creio que nenhum homem pode profanar os deuses. Velho Tirésias, os homens mais espertos muitas vezes fracassam vergonhosamente, quando falam induzidos pela ambição do ganho!

**Tirésias** - Oh!... Quem saberá, talvez... Quem pode dizer...

**Creonte** - Que queres tu dizer com essas palavras vagas?

**Tirésias** - ... De quanto sobrepuja a prudência os outros bens?

**Creonte** - Tanto quanto é certo que a imprudência é o maior dos males.

**Tirésias** - No entanto, é precisamente o mal em que incorres.

**Creonte** - Não devo retrucar, como fora mister, às impertinências de um adivinho.

**Tirésias** - Mas é o que estás fazendo, visto que classificas minhas predições como mentiras.

**Creonte** - Toda a raça dos adivinhos é cúpida!

**Tirésias** - E a dos tiranos adora os proveitos, por mais vergonhosos que sejam.

**Creonte** - Sabes que é a um rei que diriges tais palavras?

**Tirésias** - Bem o sei. Graças a mim pudeste salvar o Estado.

**Creonte** - És um adivinho esperto: mas tens prazer em proceder mal.

**Tirésias** - Tu me obrigas a dizer o que tenho em mente!

**Creonte** - Pois fala! Contanto que a ganância não te inspire!

**Tirésias** - E é assim que supões que eu te falo sobre coisas que te dizem respeito?

**Creonte** - Por nenhum preço, ouves tu? Me farás mudar de idéias!

**Tirésias** - Está bem! Sabe, pois, que não verás o sol surgir no horizonte muitas vezes, sem que pagues, com a morte de um de teus descendentes, o resgate de outra morte, pois acabas de pôr sob a terra uma criatura que vivia na superfície, e a quem indignamente encerraste, viva, num túmulo; por outro lado, tu reténs, longe dos deuses subterrâneos, um cadáver, privado de honras fúnebres e de sepultura! Tu não tens o direito de o fazer; nem tu, nem qualquer divindade celeste! É uma inaudita violência, a que praticaste! Eis por que as deusas vingadoras, que punem os criminosos, as Fúrias - e os próprios deuses te espreitam, e vais sofrer os mesmos males que estás causando! Verifica se é por dinheiro que te faço estes prenúncios... Mais algum tempo, e angustiosos lamentos de homens e mulheres se ouvirão neste palácio! Contra ti já se erguem as cidades irritadas, cujos altares estão poluídos pelas exalações dos cadáveres que não receberam sepultura a não ser das aves e dos cães. São estas as setas, que, na minha indignação, venho lançar contra ti. Tu não evitarás que elas te alcancem! Menino, leva-me de novo para minha casa, ele descarregará sua raiva à custa de outros mais jovens, até que aprenda a dominar sua cólera e a adquirir melhores sentimentos.

*(Sai Tirésias. Momento de silêncio)*

**Corifeu** - O ancião lá se foi, ó príncipe, depois de te haver predito coisas tremendas! Ora, desde que existem na minha cabeça estes cabelos, que de negros se tornaram alvos, não sei de aviso por ele feito, que não haja sido em absoluto verdadeiro.

**Creonte** - Eu sei... E por isso mesmo estou preocupado... Ceder, é duro; mas resistir, e provocar a desgraça certa, não o é menos!

**Corifeu** - Age com cautela, Creonte, filho de Meneceu!

**Creonte** - Que devo fazer? Dize, que eu executarei!

**Corifeu** - Corre! Liberta a moça de sua prisão subterrânea, e erige um Tirésias anuncia a segunda guerra de Tebas, denominada a “guerra dos Epígonos”.

**Creonte** - É o que me aconselhas? Queres, então, que eu ceda?

**Corifeu** - E vai tu mesmo... Não confies a outros esse encargo!

**Creonte** - Irei, pois, imediatamente! Vinde todos vós, ó servos! com vossos machados! Correi para aquela colina, que daqui se avista! Eu próprio, visto que mudei de resolução, eu próprio, que ordenei a prisão de Antígone, irei libertá-la! Agora, sim, eu creio que é bem melhor passar a vida obedecendo as leis que regem o mundo!

*(Sai Creonte)*

**Coro** - Tu, a quem adoramos sob diversos nomes, orgulho da filha de Cadmo, rebento de Júpiter Tonante, protetor da Itália gloriosa, e da região onde Ceres Eleusiana atrai tão numerosa afluência de peregrinos, ó Baco que resides em Tebas, pátria das Bacantes, nas margens do Ismênio, e nos campos por onde foram espalhados os dentes do hediondo dragão. Por sobre a montanha de dois cumes, onde brilha, em tua honra, uma fulgurante chama, e vão ter as ninfas do Parnaso, tuas bacantes; e pela colina banhada pelas águas de Castália, e revestida de hera, e de verdejantes vinhedos, no meio de cânticos divinos, vens rever os lugares públicos de Tebas! Tebas, a cidade a que mais prezas, tu e tua mãe, vitimada pelo raio... Visto que hoje, a cidade e o povo se acham sob a ameaça de males terríveis, vem, ó Baco, purificá-la... Atravessa o Parnaso, ou a grotta do rumoroso Eurípio. Protetor dos astros luminosos, mestre dos rumores noturnos, filho dileto de Zeus, vem, ó rei, e traze tuas bacantes, tuas companheiras que, em delirante alegria, celebram sem cessar, com seus cantos e danças, aquele a quem consagraram sua vida, Íaco!

*(Entra um Mensageiro)*

**Mensageiro** - Ó vós, que habitais perto de Cadmo e do templo de Anfíon, não há vida humana, que nós devamos invejar, ou deplorar, enquanto dure... A sorte eleva, ou abate, continuamente, os homens infelizes, e os ditosos; ninguém pode prever que destino está reservado aos mortais. Até pouco tempo Creonte me parecia digno de inveja; tinha conseguido libertar a terra cadmêia de seus inimigos, assumiu o poder absoluto no Estado, dirigia o povo, sentia-se re florir numa bela prole! No entanto, tudo está destruído! Quando os homens perdem a razão de ser de sua alegria, eu suponho que não vivem: são apenas cadáveres animados... Acumula em tua casa, se queres, riquezas sem conta; vive com o fausto de um rei; se não possuis a alegria, tudo isto não vale a sombra de uma fumaça, comparado a uma verdadeira felicidade.

**Corifeu** - Que novas calamidades de nossos reis tu vens comunicar?

**Mensageiro** - Eles estão mortos: e os vivos foram os causadores disso!

**Corifeu** - Mas... quem os matou? Quem foi a vítima? Fala!

**Mensageiro** - Hémon morreu! A mão de um amigo derramou-lhe o sangue.

**Corifeu** - A de seu pai, talvez? A dele próprio?

**Mensageiro** - Ele feriu-se, a si mesmo, furioso com seu pai, por causa da morte de Antígone.

**Corifeu** - Ó adivinho! Como se realizou o que anunciaste!

**Mensageiro** - E se assim é, cumpre aguardar o que vai ainda acontecer!

*(Vê-se Eurídice, que entra pela porta central)*

**Coro** - Eis que se aproxima de nós a infeliz Eurídice, esposa de Creonte. Ela vem do palácio... Teria já sabido da morte do filho, ou é por acaso que aqui vem ter? Eurídice Ó Tebanos, ouvi o que dissestes quando ia levar minha saudação à deusa Palas. Apenas transpunha a porta, quando o rumor dessa desgraça chegou a meus ouvidos... Cai desacordada entre minhas escravas... e senti-me gelar de frio. Que dizíeis vós? Oh! Contai-me tudo. Tenho tido já muita experiência da desgraça para vos ouvir!

**Mensageiro** - Senhora, eu vos falarei como testemunha ocular! Nada omitirei da verdade. De que serviria iludir-te com afirmações que logo se desmentiriam? A verdade é sempre o melhor caminho que temos a seguir. Eu acompanhava teu esposo, guiando-o, até o sítio mais alto do campo, onde jaz, espedaçado pelos cães, o corpo de Polinice. Depois de haver dirigido preces à deusa das estradas, e a Plutão, para que moderasse sua cólera, e nos fosse propício, lavamos esses despojos mortais com água lustral, cobrimo-los com verdes ramos de oliveira, e procedemos à incineração; depois, com a terra doméstica formamos uma tumba elevada... Em seguida, dirigimo-nos para a caverna de pedra da jovem, a câmara nupcial da morte. Ouviu-se, então, um grito lancinante, ao longe; e gemidos angustiosos... Eles provinham desse túmulo privado de honras fúnebres. Alguém correu a informar disso ao rei, a Creonte; ele aproximou-se, e ouviu, como nós, aqueles sons comoventes. Por sua vez ele solta este brado de desespero: "Oh! Como sou desgraçado! Será verdade o que ouço? Estarei eu fazendo aqui o trajeto mais doloroso de minha vida? E de meu filho, é a voz tema de meu filho que estou ouvindo! Ide, servos! Correi ligeiros! retirai a pedra que fecha a entrada do túmulo, entrai, e vede se é, ou não, Hémon que lá se encontra; ou se os deuses zombam de mim!" Nós obedecemos a essas ordens do aflito rei, e observamos. No fundo do túmulo, suspensa por uma corda, vimos Antígone; ela se tinha enforcado com os cadarços de sua cintura. Hémon, quase desfalecido, procurava sustentar o corpo, e chorava a morte daquela que seria todo o seu amor; lamentava a ruína de sua esperança, e a crueldade de seu pai. Creonte, ao vê-lo, solta um grito rouco, e entra, também, no jazigo... Corre para o filho, e exclama, possuído de dor: "Que fizeste, infeliz? Que queres mais, aqui? Perdeste a razão? Sai, meu filho! Eu te suplico! Eu te conjuro!" Mas o filho, fitando-o com olhar desvairado, cospe-lhe no rosto, e, sem dizer palavra, arranca da espada de duplo fio... Seu pai recua, e põe-se a salvo; ele não o atingiu! Então, o desgraçado volta contra si mesmo sua raiva, e com os braços estendidos, firma o gume da espada no próprio peito, crava-a com furor; e, respirando em arrancos de agonia, abraça-se ao corpo da donzela, para logo em seguida exalar o último alento, com o sangue, que, impetuoso, alcança as faces pálidas da jovem. Morto, enfim, foi estendido ao lado de sua noiva morta; e é no Hades que o infeliz casal terá tido as suas bodas... Triste exemplo para os humanos, à vista dos males que a impiedade pode causar, mesmo aos reis!

*(Eurídice entra no palco. Momento de silêncio)*

**Corifeu** - Que devemos pensar? A rainha voltou a seus aposentos sem proferir uma só palavra... Favorável ou funesta!

**Mensageiro** - Também eu estou surpreendido... Suponho que, tendo ouvido a notícia da morte do filho, ela não julgue decoroso lamentar-se diante de toda a cidade; e, no interior de seu lar, cercada de suas servas, é que ela vai chorar o golpe que sofreu. Ela tem-se mostrado bastante ajuizada para não cometer uma inconveniência.

**Corifeu** - Não sei... Um silêncio profundo me parece tão perigoso como grandes lamentações inúteis...

**Mensageiro** - Saberemos, já, entrando no palácio, se ela oculta algum desígnio em seu coração angustiado. Tu tens razão: um silêncio profundo tem qualquer coisa de ameaçador.

**Coro** - Eis que volta o rei, em pessoa... em seus braços ele traz a prova evidente, se assim posso dizer, de que esta desgraça não lhe veio de outros, mas, sim, de sua própria culpa.

*(Entra Creonte, com Hémon nos braços)*

**Creonte** - Erros de minha insensatez! Obstinação fatal! Vede... na mesma família, vítimas e assassinos! Ó sorte desgraçada! Meu pobre filho! Jovem, sucumbiste por uma morte tão triste... Perdeste a vida não por tua culpa, mas pela minha!

**Corifeu** - Oh! Agora é tarde! Parece-me que, O que estás vendo, é a justiça dos deuses.

**Creonte** - Ai de mim, agora sei - que sou um desgraçado! Sobre mim paira um deus vingador que me feriu! Ele me arrasta por uma via de sofrimentos cruéis... Ele destruiu toda a alegria de minha vida! Ó esforços inúteis dos homens!

*(Entra um Mensageiro que vem do palácio)*

**Mensageiro** - Senhor! Que desgraças caem sobre ti! De uma tens a prova em teus braços... As outras estão no teu palácio... Creio que tu deves ver!

**Creonte** - Que mais me poderá acontecer? Poderá haver desgraça maior do que a fatalidade que me persegue?

**Mensageiro** - Tua esposa acaba de morrer... A mãe que tanto amava este infeliz jovem... Ela feriu-se voluntariamente, para deixar a vida.

**Creonte** - Hades, que a todos nós esperas, Hades que não perdoas, nem te comoves... Dize: por que, por que me esmagas por essa forma? Mensageiro das desgraças, que novas desgraças me vens anunciar? Ai de mim! Eu já estava morto, e tu me deste mais um golpe ainda... Que dizeis, amigos? Quem é essa criatura... Essa mulher... Que vejo caída ao lado do outro morto?

*(Abre-se a porta: aparece o corpo de Eurídice)*

**Corifeu** - Tu podes vê-la, agora. Ei-la aí.

**Creonte** - Sim... Eu vejo... Este outro objeto de minha dor... Que destino me pode esperar ainda? No momento em que tenho nos braços meu filho morto, apresentam-me ante os olhos este corpo... Ó mãe infeliz! Ó meu filho!



**Mensageiro** - Ela se feriu, com agudo punhal, junto ao altar dos Lares, e cerrou os olhos depois de haver lamentado a perda de seu filho Megareu, e a de Hémon, e depois de ter pedido que todas as desgraças recaiam sobre ti, que foste o assassino de seu filho!

**Creonte** - O horror me põe fora de mim... Por que não me feriram já, com uma espada bem cortante? Vejo-me desgraçado, e de todos os lados novas desgraças caem sobre mim!

**Mensageiro** - Ela, ao morrer, acusou-te, ó rei, de teres sido culpado da morte de seus dois filhos!

**Creonte** - Mas como se feriu ela?

**Mensageiro** - Fez um profundo golpe no fígado, ao saber da morte de Hémon.

**Creonte** - Ai de mim! De tanta infelicidade, eu bem sei que sou o autor, nem poderiam elas nunca ser atribuídas a outro. Fui eu, eu somente, eu, este miserável, que os matei... Servos... Levai-me depressa... Levai-me para longe... Eu não vivo mais!... Eu estou esmagado!

**Coro** - O que tu pedes seria um bem, se pudesse haver algum bem para quem assim tanto sofre... Mas... Dos males que tenhamos de suportar, os mais curtos são os melhores.

**Creonte** - Que venha!... Que venha! Que apareça já a mais bela... A última das mortes que eu causei... A que me há de levar... No meu derradeiro dia... Que ela venha! Que venha já! Eu não quero... Eu não quero ver clarear outro dia.

**Coro** - Oh! Mas isto já é o futuro!... Pensemos no presente, ó rei! Que cuidem do futuro os que no futuro viverem.

**Creonte** - Tudo o que eu quero está resumido nesta súplica!... Ouvi!

**Coro** - Não formule desejos... Não é lícito aos mortais evitar as desgraças que o destino lhes reserva!

FIM

[www.desvendandoteatro.com](http://www.desvendandoteatro.com)